



**MUNDO
GRÁFICO**

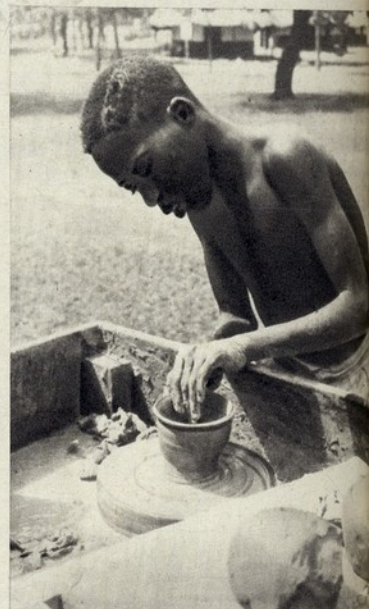
**GLÓRIA AOS MARINHEIROS
DA «HOME FLEET»**

AS ESCOLAS NA SERRA LEÃO

O governo da Serra Leoa quer que a educação fixe raízes na vida do povo. Os principais estabelecimentos de ensino dos territórios do Norte ficam em Tamale e compreendem um colégio interno, para rapazes crescidos, e uma escola normal para professoras.

A população dos territórios do Norte é composta, sobretudo, de agricultores, de modo que um dos corpos mais importantes da escola é o de administrador das herdades do colégio e da escola normal. Esse administrador trabalha sob a direcção dos funcionários tanto agrícolas como da educação. Os fins visados por ele são o aperfeiçoamento da agricultura entre os indígenas seus compatriotas pela exemplificação da maneira como se melhora a cultura e

(Continua na página 29)



A arte de oleiro não é esquecida. Alhasan Yakubogoa de Wa trabalhando com a roda



Dhamani Bawki, de 16 anos, filho do chefe de Bawku, num salto à vara



Hamadu Perise, de 12 anos, na oficina de ferreiro. Os alunos aprendem a fabricar e a consertar as suas alfaías agrícolas



Aula de história natural — Botânica — ao ar livre

A LENDA DE SEMÍRAMIS

por JOSÉ MAGRO

DE todas as lendas que nos legou a antiguidade imemorial, não há talvez nenhuma mais interessante do que a que se refere a Semíramis, rainha da Babilónia.

Do nascimento à morte, a sua vida inteira decorre num ambiente romântico, a que não é estranho o que se desprende da própria etimologia do seu nome. Segundo a língua síriaca *Schamiram*, de onde deriva *Semiramis*, significa *pomba* ou *filha das pombas*. Não falta, todavia, quem enraíze o nome da célebre deusa no vocábulo sânscrito *Smitra*, que quer dizer *aquela que ama*. Qualquer das signifi-*açõ*s convém a esta mulher singular, que soube amar, dominar e sofrer como se quizesse encerrar no seu destino as múltiplas vicissitudes da alma feminina, votada às grandes profecias da estrela que a viu nascer.

Já sua mãe, Dere to, era adorada como deusa pelos sírios. Em todos os tempos, os humanos sangraram as vítimas do Amor, que buscam voluntariamente a morte, levadas pelo maior impulso da alma desiludida. Como tivesse ofendido Vénus, esta inspirou a Derceto uma paixão irresistível por um jovem sacrificador (ou celebrante religioso) e desse amor pecaminoso nasceu Semíramis. E o que sucedera Fedra, em relação a Hipólito, e a Safo, em relação a Fíon, (igualmente perseguidas pela vingativa Vénus, que as compeliu a fim trágico), veio a realizar-se com Derceto: o arrependimento atroz do seu delito amoroso. Merece de, matou o amante, abandonou a filha no deserto e lançou-se ao lago, dormente e profundo, que reflecte os montes de Ascalon.

Mas Semíramis, exposta às inclemências do deserto, junto a umas rochas escaldadas, logrou sobreviver ao gesto tresloucado de sua mãe, pois as pombas que faziam o ninho nesses rochedos levavam-lhe o alimento indispensável à existência do seu frasil ser.

Começa aqui a lenda dessa extraordinária mulher, cuja história tem toda a cor de mito simbólico.

Salva dessa maneira pelas pombas do deserto, que lhe asseguraram os primeiros alentos da infância, não tardou a ser recolhida pelo pastor Simas, que a educou e amou como se fosse filha da sua carne.

Mais tarde, reinando Nino, descendente de Belo e fundador de Nínive, apaixonou-se por Panécio, governador da Síria, tendo concorrido pela sua coragem, que começava a revelar-se, para a tomada de Bactros.

De tal modo se impôs à admiração do seu rei, que acabou por desposá-lo. Neste enlace, porém, houve da parte dela mais cálculo cerebral do que ardor do coração, porquanto — relatam autores antigos — depressa se desbaraçou do esposo, mandando-o assassinar. Era já a avidez despótica que, como labareda, devorava a sua natureza inquieto e altiva.

Vemo-la, então, dominadora exclusiva do império assírio, fundando ou

reconstruindo nos pântanos da Mesopotâmia a mais imponente cidade do Oriente e do mundo — Babilónia, capital do reino da Caldéia.

Tudo isto se passa no remoto século XIII antes de Cristo, quando ainda havia um crepúsculo propício a todas as fábulas; e é envoltos na névoa doirada dos tempos que chegam até nós os factos esfumados, que dão completo sabor à lenda.

Muito se ignora desta civilização extinta e da soberba rainha que mais contribuiu para o seu esplendor. Sabe-se apenas que, depois da fundação da urbe predilecta, Semíramis inicia a sua marcha de conquista territorial, através do mundo asiático, em expedições triunfaes. Média, Pérsia, Arménia, Arábia — que Nino conseguira submeter mas tinham recuperado a independência — são outros tantos nomes sonoros que ficam esmaltando o império da formosa rainha. O Egipto, parte da Etiópia, a Líbia, toda a Ásia até o Índ, figuram igualmente como jóias, porventura as mais vivas do seu diadema real.

Mas é a sumptuosa Babilónia, que ainda hoje serve de tema às imaginações artísticas, a que anda estreitamente ligada ao prestígio de Semíramis e ao seu génio arquitectónico. Muito antes do Eufrates se unira o Tigre para morrer no Golfo Pérsico,

(Continua na página 30)

UMA NOVELA

O REFUGIADO

por GUEDES DE AMORIM

I

Maria Augusta, a enfermeira, com lágrimas nos olhos, debruçou-se sobre a cama do pequenino Ferdinand. Que iria passar-se agora? O médico havia saído momentos antes, depois de ter aplicado ao doentinho uma injeção. Fôra o último recurso...

— Se ele voltar a gemer muito — recomendara o clínico à enfermeira — dê-lhe você mesma outra injeção. Assim, o pobrezinho irá deste mundo sem grande sofrimento.

Estremecendo, Maria Augusta olhou, aterrada, à sua volta. Parecia-lhe ter ouvido, atrás de si, passos misteriosos, talvez da morte... A enfermeira estava deserta, porém. Lá ao fundo, no pequeno altar, iluminando o grande Cristo de marfim, tremeluzia uma lamparina de azeite. Nada mais e ninguém mais, ali, na sala imensa, além dela mesma e do menino refugiado, que havia dois anos dera entrada no Orfanato de Albaraque, e que, agora, parecia nada poder já salvar.

Exausta, depois de limpar os olhos, a enfermeira sentou-se na cama pesada, fixando o menino doente. Que iria passar-se? Ferdinand parecia adormecido, e, embora enfiado na roupa, percebia-se que respirava com muita dificuldade. Seriam os últimos estertores? Não, não podia ser. Os últimos estertores viriam, segundo o médico dissera, acompanhados de

gritos medonhos. Ferdinand repousava, muito atormentado, via-se bem, mas não chorava, nem gritava como, em vezes sucessivas, havia feito de há três semanas a esta parte. Maria Augusta, semi-cerrando os olhos, pôs-se então a murmurar uma fervorosa oração. Só um milagre podia salvar o menino refugiado. Muito crante, enfermeira rezava, rezava pedindo a Deus a salvação daquela vida, sacudido e perseguido pelos impiedosos ventos da guerra, mas que ela amava enternecidamente, como se tivesse sangue do seu sangue...

II

O pequeno Ferdinand aparecera, em Lisboa, aí por meados de Setembro de 1940, quando o êxodo de refugiados começou a intensificar a sua chegada a Portugal. Vidas escorregadas, vidas sem lar, sem pão e sossego, aqui encontravam asilo e protecção. Chorava desalmadamente, chamando, no seu francês mal pronunciado, de menuio de quatro anos mais ou menos, pela mamã. Era uma ave friorenta e medrosa, era um passarito sem rumo, que tinha perdido o ninho e a mãe. No dia seguinte, os jornais, com outras reportagens desenvolvidas sobre a chegada de novas centenas de refugiados, noticiaram o caso triste do menino Ferdinand, publicando-lhe o retrato. Era uma criança loira, com o h s exuís, que certamente havia chegado até nós com pessoas ou pessoas de família, refugiados também, mas que agora se encontrava perdida e abandonada.

Foi então que apareceu na polícia o Santos Vilela, alma de santo num corpo de homem forte, director do Orfanato de Santa Isabel, em Albaraque, pedindo que lhe confiassem o pequenito refugiado sem família. Fizera-lhe a vontade. A desgraça do pequenino tornou-se, assim, a sua

(Continua na página seguinte)

COMO SE FAZ UMA RAINHA



A futura rainha de Inglaterra durante a guerra, também trabalhou para ajudar a Grã-Bretanha a ganhar a guerra

O REFUGIADO

(Continuação da página anterior)

quase completa felicidade. Recebido carinhosa e fraternalmente, pelas dezenas de outros internados em Albarraque, que, por instinto e correção o consideraram seu irmão desde o primeiro momento, mereceu, sobretudo, à enfermeira Maria Augusta, protecção verdadeiramente maternal.

Esta loira rapariga, com o apoio do director e das professoras, que tomou a peito especial interesse pela educação do pequenino refugiado, ensinando-lhe as primeiras palavras em português, e, volvido menos de meio ano, até, da profunda e alegre surpresa de vê-lo escrever e ler já no nosso idioma. Em silêncio, ou beijando-o, chamava-lhe frequentemente assim: «Meu filho, meu menino...» Ferdinand, muito meiguinho, correspondia com a sua meiguice espontânea, também, a tamanha afectuosidade. Perdeu de todo o receio de menino estranho em terra estranha. Só uma vez por outra, abraçado a Maria Augusta, chorando misteriosamente, chorando por motivo desconhecido, chamava pela mãe e pedia música.

Foi assim que se veio a saber que a mãe de Ferdinand, belga de nascimento, natural de Bruxelas era grande cantora de profissão.

Maria Augusta descobriu-o d'este modo: certa tarde, pouco mais de um ano depois de estar internado no Orfanato de Albarraque, Ferdinand teve uma violentíssima crise de choro, chamando pela mãe e pedindo música. Na medida do possível, a gentil enfermeira fez-lhe imediatamente a vontade: abriu o receptor de rádio, e, como a essa hora não havia ainda fechados os postos emissores portugueses, ligou para o estrangeiro. Por acaso, captou um posto nova-iorquino, que estava justamente a emitir uma canção em francês. Então, deu-se o que ninguém esperava. O menino refugiado, logo que ouviu os primeiros versos dessa canção, desatou a bater as palmas, gritando: «mamã, mamã, mamã!» E, quando outra canção, mas em inglês, substituiu a que se estava ouvindo, o pequeno ficou com os braços estendidos, numa expressão de súplica, como se quizesse agarrar o aparelho que lhe havia trazido e levado a voz da mãe.

Contou Maria Augusta o sucedido ao director Vilela. Este por seu turno, pôs-se em comunicação, por intermédio do consul de Portugal em Nova York, com as direcções dos postos emissores da grande urbe norte-americana. Correram meses em perguntas e respostas de cá para lá. Artistas de idioma francês, refugiados na América do Norte, havia centenas, havia milhares! Interrogadas de modo especial as artistas, negavam todas haver deixado qualquer filho em Lisboa. Outros meses decorreram. Veio depois, por informação do consulado português em S. Francisco da Califórnia, que uma cantora belga, chamada Yvonne de Beauvoir, havia perdido realmente o seu único filho, chamado Ferdinand, alguns dias depois de haver chegado fugido com ele a Lisboa.

III

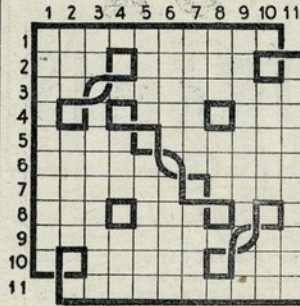
Ora no dia seguinte àquele em que chegou a Albarraque a grande notícia da descoberta da mãe do pequeno Ferdinand, caiu este doente, perseguido por uma terrível febre tifóide. Chamado para Sintra o médico do Orfanato, este reconheceu — com imensa tristeza — que a doença tomara características muito graves.

Atalhando-a com afinco, saber e sorte, conseguiu, sustar-lhe, porém, a guloagem mortal imediata. Por alguns dias, o menino refugiado pareceu melhorar. Contacto, depois pôrou assustadoramente. Sofria violentos sobressaltos, o coração batia-lhe descompassadamente, gritava pela mãe, pedia músicas, pedia canções. Os seus numerosos colegas, tristes e surpresendidos, apareciam de manhã e à tarde, com consentimento do director, à porta da enfermaria, informando-se do estado de saúde do amiguinho belga.

Quasi sempre retravam a chorar. Ferdinand piorava de dia para dia. Maria Augusta, embora fizesse constantes e desesperados esforços com solicitudes e atenções, tinha que resignar-se a ver desaparecer, hora a hora, e pouco a pouco, a seu amiguinho — o seu menino, como costuma frequentemente dizer para si mesma.

Ali estava, agora, terminada a oração, a olhar o pequenino, recendo que dum instante para o outro succedesse o irreparável. O médico havia feito o máximo que a ciência permitia... Nada mais era agora possível tentar. Ou Ferdinand se salvava, por mercê divina, ou seria mais uma vida em flor que, dentro de horas, a terra do cemitério começava a devorar. Subitamente o menino acordou. A enfermeira supôs que ele ia gritar, mordido de dores, mas tal não succedeu. Ferdinand olhou para Maria Augusta e, chorando baixinho, mimicamente, começou a chamar pela mãe e a pedir música. Então, sem o saber explicar a si mesmo, a enfermeira teve uma original ideia, que se lhe afigurou como derradeira tábuca de salvação... Correu ao salão de festas, que ficava em edificio separado do da enfermaria por um pequeno jardim e pegou no aparelho de telefonia. Sem perder um minuto, voltou a correr para junto do menino refugiado, colocou o receptor sobre a mesinha de cabeceira próximo, e, depois de o ligar, pôs-se a procurar a voz da cantora belga nos postos americanos. Ferdinand de x. u. do chorar, mas via-se que otejava, acompanhando, e mais do que isso, compreendendo a gentil e amorosa canseira de Maria Augusta. Passou-se, entretanto, meia hora em tentativas infructíferas, captando vozes estranhas, mas diferentes da de Yvonne de Beauvoir. Pelas três da manhã, quando já Maria Augusta desesperava do milagre de fazer ouvir ao pe-

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 131

VERTICAIS

- 1 — Ocasionalara.
- 2 — Atilho; Sacrifique.
- 3 — Entre nós; Deu o curso das águas.
- 4 — Grande quantidade; Ponto cardinal.
- 5 — Vila e concelho do distrito de Braga; Garantido.
- 6 — Emelo; Ilha do Mar do Arquipélago onde nasceu Pitágoras.
- 7 — Súplicara; Posição afectada
- 8 — Faleiro; Ave perneta da Austrália.
- 9 — Vagueara; Certo.
- 10 — Ajude; Nome de mulher.
- 11 — Domesticasses.

HORIZONTAIS

- 1 — Religiosa do convento da Conceição, em Brja, autora das célebres «Cantas Portuguesas».
- 2 — Rema para trás; Revoguel.
- 3 — Preposição e artigo; Matavam por imerção.
- 4 — Pronome pessoal; Rio do Estado de Mato Grosso (Brasil) na fronteira do Paraguai.
- 5 — Graçiam; Um dos Estados Unidos da América do Norte, no litoral do Pacifico.
- 6 — Eitetas para empur; Estimais.
- 7 — Esteteo entre a Austrália e a Nova-Guiné; Superfluo.
- 8 — Levante; Cidade francesa no departamento dos Altos-Alpes.
- 9 — Gotejeu; Campião.
- 10 — Um dos naipes das cartas de jogar; Junta.
- 11 — Manjares doces.



Solução do problema 130

quenita a voz de sua mãe, o locutor de um dos postos emissores de Nova York anunciou em português: «Atenção, Portugal! Atenção! A célebre cantora Yvonne de Beauvoir, que dentro de duas horas vai tomar o «Clipper» para Lisboa, onde há dois anos perdeu o seu filho Ferdinand, dedica-lhe aqui, com um beijo, a sua canção favorita!» E, sobre a emocionada surpresa da enfermeira, que acreditava finalmente no milagre, e as lágrimas do menino, ouviu-se a voz de Yvonne de Beauvoir numa canção de sonho, murmúrios e estré-las...

IV

Correram alguns dias. Nessa manhã, corria alegria imensa no Orfanato. (Conclue na página 30)

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medimento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, croetas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

Encontra-se em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PATA, 237 LISBOA



INDIGESTÃO?

Se demora muito tempo a fazer as digestões. Com duas pastilhas Rennie Acabam-se as aflições.

Quando a indigestão ataca, a última coisa que lhe apetecerá será conservá-la. É necessário agir com rapidez! É isto que as Rennies fazem.

Dois minutos bastam para que as Rennies neutralizem o excesso de ácido no estômago. Não carecem de água, nem colher, nem demoras. Basta tirar duas Rennies da algibeira ou malinha de mão (isto embrulhadas, separadamente, para se poderem levar soltas) metê-las na boca, uma depois da outra e chupá-las como dois rebuscados. Os 15 ingredientes que compõem Rennie, entram logo em acção. A dor afogou.

Sente-se como se lhe tirassem um grande peso de cima. Irá tomar a sua próxima refeição, com o apetite dum galato de dois anos.

Compre um pacote de Rennie ainda hoje. Vendem-se em todas as farmácias.



UMA DOR

2 RENNIES

UM SORRISO

REFLEXOS DO MUNDO



O poder da Inglaterra nos mares

dando resistir, cavalgou o corrimão e deixou-se encorregar suavemente por ali abaixo.

Chegado à rua, endireitou-se com toda a dignidade, esticou ligeiramente as bandas do casaco e seguiu para o seu ou seus bancos...

Times N. Y.

Pensamento da quinzena

Para se ser um bom conversador, basta seguir-se uma única regra: saber escutar.

Christopher Morley

Precauções

Determinado pelo Departamento da Guerra americano, todos os seus empregados eram obrigados a usar, em lugar de destaque, um distintivo no qual, entre outras coisas, figurava o nome e a fotografia do portador, sendo esta o tamanho usualmente utilizado para bilhetes de identidade. Certo empregado, querendo experimentar a eficácia de tal meio de identificação, substituiu a sua fotografia por uma que recortou de uma revista.

Durante cerca de três semanas cruzou com as sentinelas exteriores, os guardas interiores, os porteiros etc. Só passado algum tempo é que um colega descobriu que a fotografia era de Hitler.

Washington is like This

Maneiras de reagir

Quando um táctero quer insultar alguém, longe de o mandar «aquí» ou «ali», como muitas vezes o fazemos, prefere dizer: «Que você fique em determinado sítio para todos os dias da sua vida».

Trips

Merle Oberon e os Tommies

Numa das variadíssimas visitas que a conhecida actriz Merle Oberon fez aos hospitais de feridos de guerra, em Londres, perguntou a um dos soldados:

— Você matou algum nazi?

O soldado respondeu que matara um só.

— Com qual das mãos — in-



quiriu a actriz curiosa que depois beijou a mão que o soldado indicou.

Passando à cama seguinte a actriz inquiriu de novo:

— E você, matou algum?

— Matei! — diz o soldado dando um pulo na cama. — E foi à dentada.

Time & Tide

Alunos de uma escola naval num exercício de escadas. Todos os movimentos obedecem ao mesmo ritmo

Coisas da vida

O jornal *The Springfiled Republican*, editado por Samuel Bowles, que raramente comete um engano, anunciou uma bela manhã a morte de um cidadão que se encontrava vivíssimo da costa.

Na tarde do mesmo dia, o suposto morto compareceu na redacção apresentando exê gicamente o seu protesto.

— Sinto muito — disse-lhe Bowles — mas se o *Springfiled Republican* afirmou que o senhor morreu, não tenha dúvidas de que é assim mesmo.

Os argumentos choveram e a discussão atou-se até que o editor acabou por a publicar, na edição do dia seguinte, o nome de reclamante — desta vez na lista dos nascimentos.

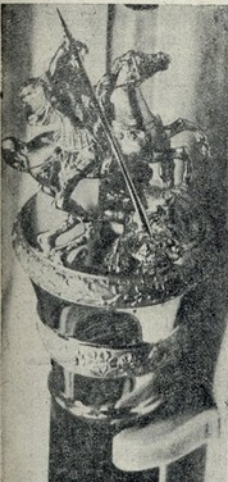
Frank Ellis



A tradicional indumentária dos juizes ingleses



Mortos de guerra. Nos países invadidos as suas campas são piedosamente floridas



O punho de bastão do Marechal Montgomery



HERBERT HOOVER ★

HERBERT HOOVER vem à Europa numa missão de humanidade. A fome que aflige um grande número de países no nosso continente constitui um dos mais graves perigos para o seu futuro. Surgindo logo em seguida a uma guerra mortífera e prolongada, que durou precisamente seis anos, e causou dezenas de milhares de mortos, antes que estejam restabelecidas as condições mínimas para o regresso a uma nova era de paz e progresso, a fome transformou-se numa ameaça temerosa.

Enviando em missão especial à Europa o antigo presidente da República americana, Herbert Hoover, o seu sucessor, Harry Truman, realizou um acto de inteligente visão e incontestável previdência. A personalidade de Herbert Hoover estava naturalmente designado para o desempenho dessa missão que não deve ter, para ele, grandes segredos. Efectivamente, depois da outra guerra foi no desempenho de uma missão semelhante que se fez a sua reputação de homem prático e sabedor.

Durante o período que medeou entre as duas guerras, a personalidade de Herbert Hoover nunca deixou de se impor no seu próprio partido, o republicano, e na vida política dos Estados Unidos. Por mais de uma vez foi aventada a hipótese de lhe serem confiadas, durante a guerra, funções de confiança e responsabilidade. Esse objectivo não pôde ser alcançado em vida do presidente Roosevelt, mas o sucessor deste julgou que devia apelar para a competência e para a experiência de Herbert Hoover, confiando-lhe o encargo de estudar a situação alimentar no nosso continente. Esses estudos constituirá, segundo todas as probabilidades, prologo de um outro, mais vasto e complexo: o estudo das condições económicas em que vive o nosso continente depois da guerra.

CRONICA INTERNACIONAL

A POLÍTICA EXTERNA DA GRÃ-BRETANHA

A gravidade da situação internacional e a tensão nas relações entre as grandes potências, que se registaram durante as últimas semanas, além dos inconvenientes incontestáveis que produziram, serviram também para clarificar o ambiente, permitindo uma tomada de posições que não deixará de fazer sentir, no futuro, as suas benéficas repercussões. De maneira especial, o governo da Grã-Bretanha aproveitou-a, para reafirmar alguns princípios e para explicar algumas atitudes que podiam dar origem a interpretações inconvenientes.

Esta circunstância foi ainda valorizada com a oportunidade fornecida pelos dois discursos que o antigo Primeiro ministro britânico, Winston Churchill, proferiu, sucessivamente, em Fulton e em Nola Iork e que tão viva celega levantaram de um e de outro lado do Atlântico. Aproveitando a proximidade da reunião do Conselho de Segurança da O. N. O., o governo de Londres quis significar, de maneira clara e inequívoca, qual é a orientação e quais são os objectivos da sua política externa. A orientação nada tem de misterioso, os objectivos são perfeitamente claros e compreensíveis, ajustando-se à grande tradição britânica, sem falsear os interesses da metrópole e do Império, por toda a parte.

O governo britânico pensa e proclama, com a certeza de que com a sua atitude concorda a maioria esmagadora dos ingleses do nosso tempo, que só uma organização de cooperação e segurança com aquela que, apesar de todos os seus defeitos orgânicos e vícios de funcionamento foi planeada e articulada em San Francisco, é susceptível de assegurar, de maneira definitiva, a paz. Tudo que possa contrariar este pensamento só contribui para retardar o regresso a condições normais num mundo onde uma luta implacável de seis anos semeou ruínas incontáveis. Tudo o que contribua para falsear o significado profundo e exacto da organização, que os vencedores projectaram e puzeram de pé, semela a desordem e prolonga o caos, desordem e caos que constituem a triste herança que os povos recolheram da sua imprevidência funesta.

Esta concepção parece clara e não deveria dar margem a equívocos ou malsinações. É também claro que só o governo, escolhido em Julho do ano passado pela vontade soberana do povo da Grã-Bretanha, está em condições de interpretar autorizadamente e de traduzir em actos com a rapidez e a eficiência desejadas. Esse governo, pela voz do seu chefe e do seu Secretário para os Negócios Estrangeiros, tem, por mais de uma vez, definido a linha inalterável desta política constituindo as suas declarações os fundamentos seguros e sólidos em que ela assenta.

Uma triste experiência de quase meio século, iluminada pelo clarão de duas conflagrações temerosas, ensinou ao governo e ao povo da Grã-Bretanha que não é possível construir solidamente sobre utopias e sobre desvários. Todas as combinações e pretextos que sirvam para gerar uma paz suspeita, que se não alicerce na boa vontade e no decidido empenho dos povos, são por eles condenados como perigosos e contrários ao bem comum. Eis porque toda a sua solidariedade e toda a sua dedicação vão para o organismo de segurança em cuja acção os vencedores basearam a sua crença na possibilidade de eliminar definitivamente da face da terra o flagelo da guerra ou o receio, igualmente dramático, da ameaça de guerra.

O OBSERVADOR

Em visita à Africa do Sul

Foi oficialmente anunciado que na primavera do próximo ano a família real inglesa visitará oficialmente a Africa do Sul. O rei e a rainha serão acompanhados pelas duas princesas, Isabel e Margaret, o que não deixará certamente de constituir um motivo de legitima satisfação para os sul-africanos.

A primeira sugestão para que a visita se realizasse foi feita em Londres pelo chefe do governo daquele país, marechal Smuts, em Julho do ano passado. Depois disso, foram trocadas impressões sobre a possibilidade de dar satisfação rápida ao convite, e o assunto finalmente agora foi resolvido em definitivo pelo soberano, em perfeito acordo com o seu governo.

É a primeira visita que a família real realiza, depois do termo das hostilidades e essa circunstância contribui naturalmente para lhe emprestar um significado especial.

O juízo da história

Os depoimentos feitos recentemente em Nuremberga por alguns dos criminosos de guerra que estão a ser julgados, oferecem para a história um incontestável interesse. Quase todos eles confirmam a impressão generalizada de que foram na verdade terríveis os efeitos dos bombardeamentos aereos sobre a economia do Reich e sobre a sua máquina de guerra, não falando já na quebra que eles produziram no moral da população daquele país.

Começa, assim, a ser prestada justiça, e pelo testemunho das mais insuspetadas e documentadas personalidades, ao marechal do ar, Harris, o organizador incansável e previdente da força de bombardeiros da R. A. F. a qual, a partir do raid gigantesco sobre a Colonia, em Maio de 1942, se tornou um factor decisivo da condução da guerra por parte dos aliados e da sua vitória. O marechal do ar, Harris, deixou há pouco o serviço activo e tençona ir acabar os seus dias tranquilamente fazendo a agricultura em qualquer ponto distante do globo.

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: **Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240**

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogravura, Lda. — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$80

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O REAL REGIMENTO DE ARTILHARIA

pelo major T. J. EDWARDS



“UBIQUE” (por toda a parte)—é assim numa única palavra, que se sintetizam os serviços prestados pelo Real Regimento de Artilharia por todo o mundo e, numa outra divisa — «Quo Fas Et Gloria Ducunt» (Onde se conduzam o Direito e a Glória)— temos a disposição de ânimo em que esses serviços foram prestados.

Ambas estas divisas fazem parte do emblema do regimento, que todos os artilheiros usam com orgulho.

«Artilharia» de uma espécie ou de outra tem acompanhado os exércitos britânicos nos campos de batalha desde tempos remotos, mas não foi senão em 1716 que se lançaram as bases do Real Regimento de Artilharia, em resultado da maneira pouco eficiente como trabalhou o sistema anterior durante a revolta jacobita de 1715.

Esta unidade, que se acabava de formar, entrou pela primeira vez em combate contra a cidade de Vigo, em 1719, e oito anos mais tarde esmagou o ataque feito pelos espanhóis contra Gibraltar.

Na célebre batalha de Minden, no dia 1 de

Agosto de 1759, desempenhou o papel brilhante no flanco da infantaria. Graças a manobras felizes uma brigada impôs o silêncio completo a 30 peças de artilharia francesas, contribuindo assim, em parte considerável para a espantosa vitória britânica. Os franceses juntaram-se aos espanhóis no cerco de Gibraltar, de 1779 a 1783, mas uma vez mais a exactidão das suas pontarias e a força de ânimo dos artilheiros contribuiu para que afundassem todas as baterias flutuantes que operavam contra eles.

Durante a guerra peninsular, o tenente H. Shrapnel, do Real Regimento de Artilharia inventou a granada de metralha (Shrapnel) que tem sido, de então para cá, um projectil tão eficaz.

Os efectivos e a força do Real Regimento de Artilharia tinha estado a aumentar constantemente desde a sua formação e, em 1793, formou-se o Real Regimento de Artilharia a Cavallo.

Nenhuma expedição britânica de qualquer importância partiu sem que na sua composição englobasse um complemento do Real Regimento de Artilharia e é assim que este regimento

(Continua na página 29)



O Real Regimento de Artilharia em Maiwand no dia 27 de Julho de 1880



A artilharia do exército de Lord Roberts avançando para Joanesburgo, durante a guerra Boer



1914-18 — Quatro anos durante os quais o Real Regimento de Artilharia desempenhou um papel importantíssimo



Cadetes do Real Regimento de Artilharia, nos seus estudos durante a última guerra



Uma bateria de artilharia de montanha, em exercício no País de Gales



A batalha de El Alamein — uma unidade de artilharia de campanha em ação com peças de 25 libras. A ordem era fazer fogo até acabarem as munições. Cumpru-se



Posição camuflada de uma bateria de artilharia de calibre médio, na Itália



Artilheiros de uma brigada anti-tanque, nas ruas de Salerno



Voltorno — peças de calibre médio de 5,5, numa posição inundada



Um regimento de artilharia de campanha da 36.ª Divisão britânica emprega um obus, ao sul de Mawlu, na Birmânia



Intalam-se peças anti-aéreas, depois da monção e antes de limpar a estrada de Tiddim



A artilharia apoia as tropas que tomaram Pinwe, em Novembro de 1944

A VISITA DA



ENCONTRA-SE nas águas do Tejo, em representação da Armada Real britânica, uma divisão naval, da qual faz parte o couraçado «Nelson» onde se arvora o pavilhão do comandante chefe da «Home Fleet», almirante Neville Syfret. A visita servirá para confirmar os laços de amizade que, tradicionalmente, uniram sempre Portugal e a Grã-Bretanha e para afirmar a existência do poderio naval do último destes países, o qual constitui, através de tudo, uma garantia fundamental de equilíbrio na Europa e de paz no mundo.

Para os portugueses, essa visita reveste-se, ainda, de um outro significado, o qual não pode deixar de ser posto em relevo. Pela primeira vez, depois da guerra, a maior e a mais custosa que a Grã-Bretanha certamente suportou em todo o longo curso da sua história, vêm ao nosso país navios da Armada Real britânica, cuja presença não pode deixar de evocar os feitos gloriosos que, praticados pelos seus almirantes, oficiais e marinheiros, contribuíram, de maneira decisiva, para que as Nações Unidas alcançassem uma vitória, definitiva e total, contra os inimigos do bloco totalitário.

(Continua nas páginas seguintes)

ESQUADRA INGLÊSA



O chefe do Estado, na sua visita ao Nelson, acompanhado do almirante sir Syfret



O sr. presidente do Conselho, recebendo no palácio da Assembleia Nacional, o embaixador da Grã-Bretanha e o chefe



As silhuetas dos poderosos navios da esquadra britânica recortam-se no estuário do Tejo

A ESQUADRA INGLÊSA

(Continuação da pág. anterior)

A Armada Real britânica foi, de todas as forças militares do mundo, aquela que durante mais tempo suportou o peso da guerra feita por todos os seus homens, desde o dia 3 de Setembro de 1939, data em que a Grã-Bretanha iniciou as hostilidades na Europa, até ao dia 2 de Setembro de 1945, quando foi assinada, a bordo do «Missouri», a paz com o Japão, que pôs termo à luta no Extremo Oriente.

A lista das perdas sofridas pelos primeiros e das baixas registadas entre os segundos basta para proclamar que o comportamento brilhantíssimo da Armada Real durante

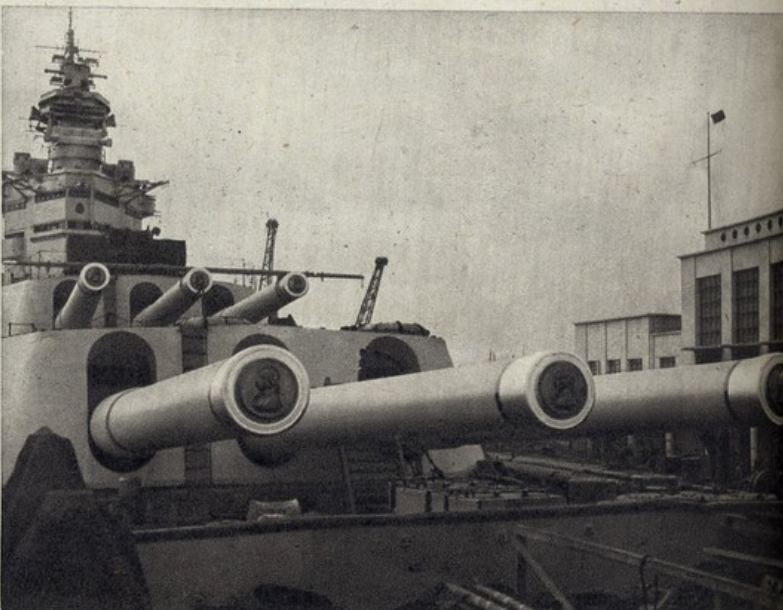
a luta foi um dos factores essenciais da vitória. O número dos navios de todos os tipos perdidos, por acção do inimigo e pela intervenção de outros factores directos ou indirectamente relacionados com a guerra durante esse período, elevou-se a 2.282. Destes, cinco eram navios de linha, cinco porta-aviões, vinte e três cruzadores, cento e trinta e quatro contra-torpedeiros e setenta e sete submarinos.

As perdas em homens foram igualmente elevadas embora no total não attingissem o número verificado no fim da

(Continua na página 26)



O comandante da «Home Fleet», junto do adido de Imprensa inglês, sr. Horácio Zino, falando aos jornalistas portugueses



Os famosos canhões do grande couraçado inglês



A banda dos tambores mores do couraçado fazendo a continência com as baquetas



A bandeira gloriosa trapejando na soberba fortaleza flutuante

O F U T U R O



Um gracioso serviço de chá do século XVIII, de porcelana «Chelsea-Derby», feito em Chelsea sob a direcção de William Duesbury



Pratos de barro vidrado de meados do século XVIII fabricados em Bristol



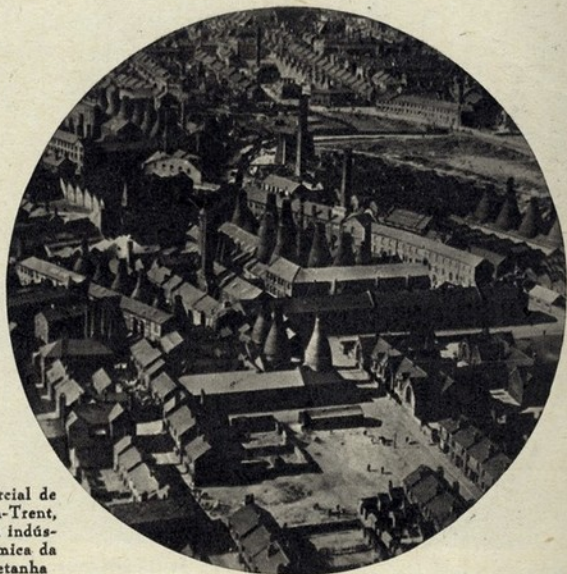
Um serviço de chá, de bom gosto, da casa Wedgwood



Jarros, de linhas simples e elegantíssimas, devidos à mão de Joseph Bourne, de Chelsea



Lindo exemplo do trabalho de Spode, um dos grandes nomes da cerâmica britânica



Vista parcial de Stoke-on-Trent, centro da indústria cerâmica da Grã-Bretanha

DA CERÂMICA BRITÂNICA

O falecimento recente de William Moorcraft, ceramista da Rainha Mãe de Inglaterra, junta outro nome ilustre ao rol dos grandes ceramistas produzidos por aquele país. Spode, Wedgwood, Copeland, Minton, são nomes que atraem todos os coleccionadores do mundo. Muitas destas firmas antigas ainda existem e ainda produzem cerâmica de fino gosto. Mais importante do que a sobrevivência de nomes célebres é a persistência de uma bela tradição e de habilidade rara, naquele canto de Staffordshire, que se transformou na capital cerâmica do mundo. Muitas das suas firmas novas estão também a produzir loiça de mesa para uso corrente que virá a ser amanhã objecto de interesse para o coleccio-

nador. A concentração da indústria em Staffordshire, à volta do agrupamento de vilas, agora conhecido colectivamente pelo nome de cidade de Stoke-on-Trent, não foi obra do acaso. Staffordshire produz margas vermelhas e outros barros próprios para o fabrico de cerâmica de boa qualidade. Os seus depósitos de hulha produzem um carvão especialmente adaptado ao aquecimento dos fornos. Os seus operários têm na ponta dos dedos gerações de habilidade. Embora os materiais locais tenham sido, em tempos modernos, acrescidos de barros para porcelanas vindos de Cornualha, Staffordshire retém a parte principal da indústria cerâmica da Grã-Bretanha.

Planos para a reconstrução e expansão desta indústria referem-



Pintura à mão de jarras, nas olarias de Royal Doulton



O primeiro modelador da fábrica Wedgwood examina uma peça do tipo «Utilitário» destinado ao mercado interior britânico. O desenho é austero mas de bom gosto.



As fábricas de cerâmica também produzem canos de esgoto



Um oleiro trabalhando na sua roda

-se, portanto, principalmente, ao bem-estar e à prosperidade de Staffordshire o fomento da habilidade hereditária da sua gente, o aumento da sua produção, a exportação dos seus produtos.

Tomaram-se medidas especiais para salvaguardar aquela habilidade e aquela tradição durante a guerra. Os operários deram ingresso nas forças armadas e, no interesse da economia nacional, a cerâmica para o mercado interior limitou-se a padrões austeros e não decorados. Permitiu-se, porém, a produção de certa quantidade de porcelana de muito boa qualidade mas só para exportação e isso para que não se perdesse a arte de a fabricar.

Continuará a haver no mercado interior certa austeridade durante o período de reconstrução, no interesse do comércio de exportação. Estão a tomar expressão, no desenho e na cor, ideias novas. O Conselho do Desenho Industrial que acaba de se formar e que foi criado para melhorar o desenho em todas as artes e ofícios britânicos colocou a cerâmica em lugar de prioridade na sua lista. Alguns dos melhores desenhadors do país já estão atarefados com as suas pranchetas e espera-se que os resultados se possam apreciar na exposição «a Grã-Bretanha pode produzi-lo» projectada por Sir Stafford Cripps, para Julho deste ano.

A necessidade de manter um nível elevado de manufactura será o factor principal na elaboração dos planos para o aumento da produção. Na cerâmica para ornatos ou para a mesa será empregado ainda e em grande parte o trabalho manual pois não existe substituto mecânico para as mãos do oleiro que modela o barro na sua roda. As pessoas de bom gosto recorrerão ainda a Shelley, Adams, Minton e Wedgwood para a porcelana e a cerâmica de barro feita à mão. Outros artigos podem ser produzidos em massa e são de maneira crescente. Isto inclui telhas, canos e artigos sanitários de que são produtores célebres os fabricantes Twyford, assim como isoladores que são produzidos nas fábricas imensas de Buller e Taylor Tunnicliff.

Dar-se-ão desenvolvimento e expansão a novos métodos de produção interrompidos pela guerra. O aquecimento dos fornos por meio de gaz era empregado com êxito a par de método antigo de aquecimento por meio de carvão e o forno eléctrico já começava a aparecer. A casa Wedgwood tinha aberto a primeira fábrica de cerâmica completamente electrificada que existia no país, pouco antes de rebentar a guerra, como parte do plano da aldeia-jardim para os seus operários. Agora vão ter oportunidade de completar os seus planos de alojamento do pessoal em conformidade com o programa de reconstrução nacional.

A iniciativa da casa Wedgwood é um sintoma do interesse cres-

(Continua na página 28)



Arruma-se loiça num forno eléctrico



Pintura à mão de pratos de mesa para exportação. Esta forma de arte é transmitida de geração em geração



A senhora embaixatriz de Inglaterra, cujo nome literário é o de Ann Bridge, conversando com os jornalistas

LADY O'MALLEY e Ann Bridge são a mesma pessoa, mas com papéis na vida bastante diferentes. A primeira é a diplomata, a esposa do embaixador inglês, acreditado entre nós, que nada tem que pedir à inspiração, mas só aos recursos da sua simpatia que não são pequenos. A segunda é a escritora consagrada, a quem os jornalistas não deixam em sossego, a quem querem ouvir e percrutar-lhe a sensibilidade e que nos tem dado obras de valor literário, como «Peking Plenic», «Illyrian Spring», «Enchanter's Nightshade», «Frontier Passage» que alcançaram verdadeiro êxito.

Numa das salas da Embaixada, estando presentes sua gentil filha Helena, que nos elogia, encantada, a luminosidade de Portugal, onde chegou recentemente, e Mr. Zino adido da Imprensa, entre um «cocktail» oferecido aos jornalistas e um sorriso amável que a gentil escritora dispensou a cada um deles, nós tivemos ensejo de poder ficar conhecendo essa mulher superiormente inteligente que, ao conversar, ao falar dos seus livros e da sua personalidade o fez com uma simplicidade cativante, como se estivesse rodeada de velhos amigos.

— Uma parte da minha inspiração vem-me em sonhos — diz ela.

Alguem pergunta-lhe se retoca muito as suas obras e ela responde:



A romancista, num momento de meditativa literatura

UMA ESCRITORA

INGLÊSA



Num ângulo do salão da embaixada inglesa, a filha da senhora Ann Bridge, troca impressões acerca de literatura com uma escritora portuguesa



A senhora Ann Bridge refere alguns assuntos de actual interesse literário



O sr. Horácio Zino, fazendo a apresentação da notável escritora Ann Bridge

— Faço-lhe inúmeras modificações. E a alturas tantas descreve o entreccho de um dos seus romances «Buick saloons», com uma vivacidade, um colorido admirável, que a todos que a ouvem tem presos. Escutam-se com prazer as suas palavras e, ao chegar ao fim, verifica-se que vibra nessas páginas um poema todo espiritualidade, sonho, fluidez. Indagam dos escritores que ela mais aprecia. E a resposta é:

— Tolstoï, Dostofewski, Balzac, Stendhal. Das escritoras: George Eliot, Georges Sand, Emily e Charlotte Brontë e Jane Austen.

E logo observa:

— Repararão, sem dúvida que estas escritoras são inglesas, mas é que existem certos elementos na vida britânica que concorrem para que as mulheres possam ser boas romancistas. Citarei, por exemplo, a liberdade social que elas gosam e a sua actividade na vida política, e que já começou 150 anos antes de haverem obtido o direito do voto. Durante cerca de dois séculos as mulheres no meu país habituaram-se a aconselhar seus filhos, irmãos e maridos nas questões políticas, e a serem escutadas com atenção.

Lady O'Malley, que se vê assediada por perguntas, declara em dado instante:

— A minha vida dividida entre as minhas obrigações de diplomata e a minha actividade de escritora não me permite grande tempo para ler.

Porem, ainda lhe ouvimos citar e elogiar Gil Vicente.

Sobre o voto das mulheres (e vem a propósito o caso português), ela emite a opinião de que de nada serve dar o direito do voto a «quem quer que seja» homem ou mulher; a não ser que esteja preparado para tomar as responsabilidades do seu uso, isto é: que seja capaz de encarar as soluções políticas e económicas e tentar compreendê-las.

Depois relata que na política inglesa a experiência mostrou que as mulheres são essencialmente conservadoras e que se deixam arrastar muito menos por miragens e fantasias ideológicas do que

(Continua na página 28)



AS DUAS ROSAS DE INGLATERRA

A PRINCESA HERDEIRA DE INGLATERRA E SUA IRMÃ, NUMA ESCADARIA DE BUCKINGHAM PALACE

Cecil Beaton, que esteve em Portugal e fotografou as mais representativas figuras da vida portuguesa, é o maior artista fotográfico da Grã-Bretanha. É dele este cliché maravilhoso, como só o grande mestre sabe fazer em magníficos en-

quadramentos de requintado valor plástico, o último que se fez da princesa Elisabeth, herdeira do trono de Inglaterra, e de sua irmã, a princesa Margareth, na escadaria de um dos salões de Buckingham Palace.

A 9.ª EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

HÁ cerca de nove anos que se vêm realizando, com impecável pontualidade, esta exposição internacional de fotografia. Mesmo durante a guerra, apesar das dificuldades de comunicações, o certame efectuou-se com bastante interesse. A iniciativa é curiosa. Fomenta não, apenas, o gosto do amador e do profissional, numa justa competição de valores, mas ainda concorre para o bom espírito internacional, através de um género plástico que já hoje se deve sem favor, considerar uma manifestação artística.



S. Majestade o Rei na Biblioteca Real, de Harol Withe — Inglaterra



Inverno de J. Braga d'Oliveira Pinto — Portugal



Enlevo, de Edward C. Crossett — E. U. América.



Contra-luz no Canavial, de Aurélio Diniz Marta — Portugal



1830, do Eng. Fernando Carneiro Moura — Portugal



Bisbilhotice, de Luiz Pires de Castro — Portugal

Cada país, como é natural, reflete as suas características. Dir-se-ia mesmo que qualquer fotografia é, de certa maneira, o retrato moral do país de origem. A Inglaterra, por exemplo, nesta exposição mostra-nos o que ela é intimamente: a sua poesia, o seu silêncio campestre, a procura verídica do pormenor, a dignidade calma do indivíduo humano. Dois nus, um de mulher, outro de homem, rodeados de água e, discretamente, focados, são dos melhores trabalhos que a Grã-Bretanha nos enviou. A técnica dos Estados Unidos fundamenta-se na reportagem viva, efusiva e comunicativa. Há uma cabeça de criança, iluminada por um sorriso, que é uma pequena obra prima.

A Espanha é dos países mais largamente representados. Na sua secção figuram todos os géneros: paisagem, figura, interior, composição, etc. Entre as fotografias mais marcantes, citamos as impressões em «carvão fresson», que parecem águas fortes.

Portugal impõe-se brilhantemente. Temos excelentes artistas. Uns, subtis na procura técnica; outros, apaixonados pelo motivo, podendo alguns ser considerados verdadeiros pintores. Não particularizamos quem quer que seja com receio de alguma omissão involuntária. Ainda a Suíça, a Dinamarca, o Brasil, e outras nacionalidades, enriquecem este conjunto na sua variedade.



Trabalhadores de aço, de Harold Withe — Inglaterra



Tocador de gaita, de Maurice Maccache — E. América

A possibilidade de se ouvir a voz de um homem, integrado nas forças combatentes através de todo o mundo, conseguiu-se pela primeira vez, na actual guerra. É a voz de alguém, que presencia um acontecimento, pinta um quadro muito mais vivo do

A VOZ DE LONDRES FALA

que a descrição, embora pormenorizada, de um jornal. A tarefa principal da British Broadcasting Corporation durante os últimos cinco anos, consistiu na apresentação de um quadro verdadeiro da guerra, sob todos os seus aspectos, aos povos de todas as nações. Para fazer isso, tinha que estar em contacto directo com a guerra. Os noticiários da BBC têm uma fama mundial por dizerem

a verdade e apresentar imparcialmente os factos. Ouviram-nos avidamente na Europa ocupada, e mesmo na Alemanha. Mas a BBC pensou em ir mais além de notícias e informações secas. Tem-lhes acrescentado os próprios sons das áreas mencionadas do noticiário. Os rádio-ouvintes escutaram, entre outros sons, os ruidos dos tanques enquanto o 8.º Exército britânico entrava na batalha em El Alamein, o roncar dos aviões descolando para um raid de 1.000 bombardeiros sobre a Alema-

nia, e um combate aéreo sobre um torpedeiro britânico patrulhando os mares.

Mas a história mais emocionante da BBC é talvez a do posto emissor móvel de 250 watts, que serviu de ligação entre o 21.º Grupo de Exércitos do Marechal Montgomery e Londres — e, através de Londres, o Mundo inteiro — desde o desembarque aliado na

(Continua na página 25)



Soldados britânicos enviam as suas mensagens para a sua terra natal, por intermédio da BBC, em Londres, do lado dos seus tanques à beira do campo de batalha, na Líbia



A BBC também faz reportagens dos acontecimentos na Grã-Bretanha. Aqui vê-se um repórter numa grande fábrica, entrevistando um ensaiador de tanques, que tem falado para países em todas as partes do mundo



Um correspondente de guerra da BBC sobre o primeiro comboio que atravessou o rio Sangro, na Itália; a linha foi construída pelos engenheiros do Exército de Engenharia Sul Africana



Aqui vê-se um correspondente de guerra americano, presentemente trabalhando com a BBC, a falar do posto de referência de uma Fortaleza Voadora



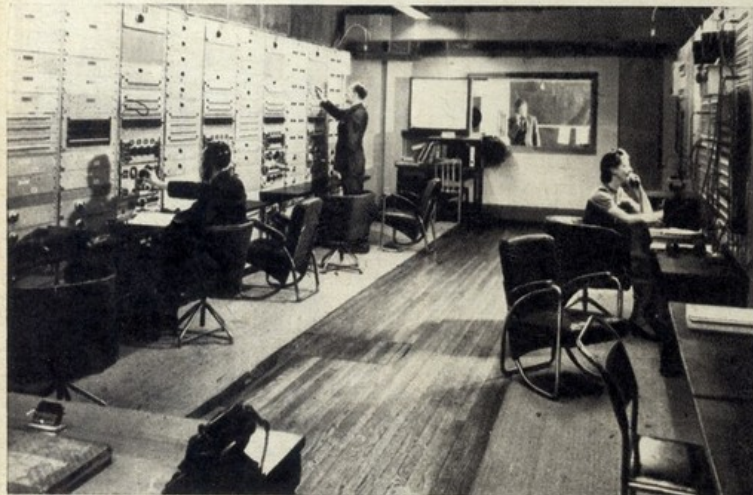
A primeira emissão da testa de ponte da Normandia, em 18 de Junho, quando Frank Gillard (ao microfone) falou directamente aos ouvintes da Grã-Bretanha



Vaughan Thomas, correspondente de guerra da BBC fazendo uma reportagem, junto das tropas inglesas, na Itália



Broadcasting House — o quartel geral da BBC em Londres. Daqui, um quadro verdadeiro da guerra é transmitido para todos os recantos do globo



Uma sala de controles em Broadcasting House, onde numeroso pessoal trabalha durante 24 horas por dia



Informações para os noticiários, discos registados de acontecimentos actuais etc., chegam, constantemente, à British Broadcasting Corporation, em Londres, e de lá são emitidos de novo — para o mundo



Aldeões da Normandia reunidos em volta da rádio de um carro do Exército britânico para ouvirem as notícias. As suas telefonias foram confiscadas pelos alemães, mas agora já podem ouvir de novo os noticiários



Um operário de construções navais ouvindo a BBC após um dia de trabalho. Além dos programas de recreio para todos os gostos, pode também ouvir as últimas notícias de todas as frentes de batalha



O chefe passa revista a uma força de Polícia. O «cacotete» e o livro de apontamentos são indispensáveis



A criança foi atropelada... a fingir. Os novos agentes aprendem a resolver o problema de trânsito que o «desastre» lhes apresenta



es são verdadeiros «gentlemen» — acima de tudo. As crianças não têm medo deles, porque sabem que o polícia as protege

A POLÍCIA INGLÊSA

ENTRE nós nem sempre se dá à Polícia o merecimento que ela tem ou, deveria ter. Até por incompreensão é, às vezes, acusada de faltas para as quais nem sempre contribui. Parece-nos que a Polícia é um pouco o reflexo de cada povo. Há polícias para quem um pobre diabo mal vestido é, inevitavelmente, um malfetor; como para tanta gente susceptível de melindres, um agente da autoridade não passa de um tirano...

Claro que nem uma nem outra coisa estão dentro da verdadeira compreensão mútua. Nem o agente da autoridade é um agressor, nem todos os maltrapilhos são fascinoras. Estes, quase sempre, coitados, são os mais inofensivos.

Mas deixemo-nos de considerações que, a tornarem-se mais extensas, provocariam prós e contras infundáveis.

A Polícia em Inglaterra, e é dessa de que nos propomos ocupar neste momento, é uma organização exemplar. A sua missão não é apenas a de multar e a de prender. Tem outras preocupações. Evidentemente que ela existe para evitar certas liberdades que tiram a liberdade àqueles que as reprimem. A sua acção, porém é imprescindível mesmo num povo civilizado.

As tais «liberdades» reprimidas são, por exemplo: ser grosseiro com o seu semelhante, não manter o conveniente de côro na rua, atropelar crianças ou adultos, agredir o parceiro por dá cá aquela palha... etc., etc.

A Polícia de Londres têm missão profundamente humana. Ela cuida das crianças, dedicando-lhes todas as atenções que elas merecem quando



As casas da Grã-Bretanha estão guardadas. Não faltam polícias nas ruas, nem há nada neste mundo que os distraia do seu serviço

nos longos *squares* se perdem ou reclamam o seu auxílio; mandam parar, e multam o condutor de um automóvel, seja ele conduzido pela personalidade mais respeitável, desde que esta não cumpra com as posturas estabelecidas; resolve, rapidamente, em plena rua, um caso simples, sem o complicar com formalidades burocráticas e evita que em volta de um carro parado se juntem dezenas de pessoas a comentarem o facto e a fazerem de polícias... como acontece em muitos outros países.

Não é raro ver-se nas ruas de Londres um polícia mandar parar centenas de veículos, para um ceguinho atravessar, conchado, por entre filas intermináveis de carros de toda a espécie. E o que em Inglaterra é um dever atribuído à profissão, isto é, um caso vulgar, de todos os dias, noutras terras é um acontecimento digno de admiração pela sua raridade.

Alem de que a Polícia em Inglaterra é uma instituição simpática; toda a gente a respeita, confia nos seus deveres e até as próprias crianças gostam dela. Há nos seus actos e nos seus hábitos pessoais um espirito civilista que a torna estimada por todas as pessoas de bem. Porque um polícia em Inglaterra é um cidadão como outro qualquer: não abusa da sua força, mas também não permite que outros a desconheçam.

Dessa humana compreensão resulta que a opinião pública está sempre ao seu lado.



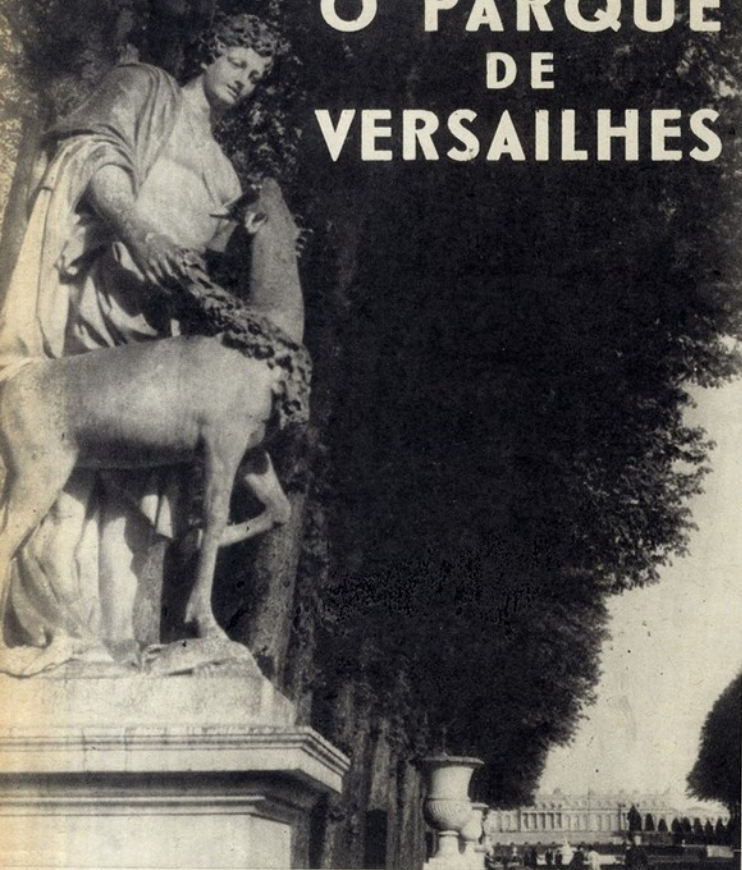
Na central recebem-se constantemente informações, de todos os pontos da capital, acerca do serviço



São verdadeiros cicerones. Quem quiser uma indicação... não leva uma resposta torta: vai a saber o que deseja

O quarto do guarda, na sua esquadra. São horas de ir para o seu posto

O PARQUE DE VERSAILLES



Uma das mais belas estátuas do famoso parque, com as suas arvores seculares

O palácio de Versalhes representa uma grande parte da história da França. Ali passaram, ou ali viveram reis e imperadores, desde a teoria dos Luízes no seu apogeu, até Napoleão — tropel de factos, cujos ecos parecem ainda vibrar nas salas douradas do grande edifício. Foi também ali que se assinou a paz da outra guerra.

Não queremos fazer turismo; evocar, apenas, nestas quatro imagens a grandeza de Versalhes, monumento arquitetónico, em que

a harmonia e a subtilidade do génio francês se conjugam admiravelmente. Os jardins são lindíssimos.

As grandes árvores que deram sombra a Maria Antonieta, ainda existem, mais belas e doiradas, como que femininas na sua graciosidade delicada — fundos reais de Watteau. O Petit Trianon era o edifício predilecto da trágica rainha. O tempo passou, e das grandes figuras que animaram Versalhes, ficaram os retratos que decoram as salas — e que a literatura e a história diferentemente, interpretam.



O grandioso Castelo de Versalhes, teatro histórico de vários séculos



O Petit Trianon. Só lhe faltam as deliciosas «bêrgères», do século XVIII

← A «Orangerie», no qual dir-se-ia entrever a bela e fatal Maria Antonieta

Pormenores de moda para a Primavera

● *Tailleur* em dois tons: sala escura e casaco claro; por exemplo: este, em cor de greda e aquela castanha; este em rosa e aquela em aubergine.

● Tecidos *palm-beach* e *tweed* de tecelagem rústica, para casacos.

● Cabaças chinesas muito bordadas a matiz sobre salas até ao chão, para jantar.

● Chapéus de tafetá ou *faillie* inteiramente franzidos, reboludos como tufo de hortênsias cortados por pedras coloridas.

● Lãs lisas e veludo, voltando-se ao antigo *azyk* de Lesur. Algumas lãs são muito granulosas, parecendo ásperas, mas caíndo bem.



Quatro modelos da primavera

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



● A lã de fantasia quer destronar os escoceses. Aparece no campo de batalha em grandes quadrados, em desenhos geométricos, em flores, sendo estes os tons dominantes: gris, azul, contraplacado, rosa-vivo, verde-Nilo, gold, verde-amêndoa e os pastelizados.

● O jêrsei de seda ver-se-á muito, em preto, nos vestidos de tarde. E também o de lã e veludo, nos tons de canela, mel, ouro e havano.

● Alguns motivos de estampados: chaves de música, cavalos a galope, violoncelos e partituras, serpentinas. E sempre as flores.

● Sobem qual é a manga que mais sucesso de novidade tem feito nas colecções de primavera? E' a *manga-bacalhau*. Preciamente. Quando se ergue o braço, desenha-se este peixe espalmado na sua característica forma. Bonito? Feito? Novo?

Loção

● Depois de lavar a cabeça, deve usar uma loção, pois o facto de, com ela, friccionar o couro cabeludo, provoca uma boa reacção tónica.

Para cabelos compridos, a fricção terá o prazo de 10 minutos. Para curtos: 6: Para os homens 4.

MEIAS AMERICANAS

(NYLON DUPON)

51 GAUGE

A AUTÊNTICA MEIA DE VIDRO

RECEBEMOS DIRECTAMENTE
EM TODOS OS TAMANHOS

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158

FOTO-CRIME

O DESAPARECIDO

A ESQUADRA INGLESA

(Continuação da página 11)

primeira guerra mundial. Mas o número de mortos e desaparecidos foi incomparavelmente mais elevado, cerca de cinquenta mil, o que equivale a mais vinte mil do que na guerra de 1914-18. Dos homens que serviram heróicamente na Armada Real, quinze mil receberam condecorações por feitos em campanha, incluindo-se neste número vinte e tres galardoados com a «Victoria Cross». O número de baixas, de mortos e de galardoados foi muito mais elevado se incluímos nele os resultados da acção da Armada dos Domínios e dos diversos serviços que cooperaram estreitamente com a Armada Real durante a luta, desde a marinha mercante até aos serviços auxiliares femininos.

De todas as provas suportadas vitoriosamente pela Armada Real britânica, o afundamento do «Graf Spee», a luta na Noruega, as batalhas do Cabo Matapan e de Taranto, a perseguição e o afundamento do «Bismarck», a destruição do «Scharnhorst» e do «Gneisenau», impossibilitados de sair dos portos onde se haviam acolhido, o aniquilamento do «Tirpitz», depois de uma caça implacável nos fiordes noruegueses, a batalha do Atlântico foi sem dúvida a mais dura e a mais notável.

Dela dependia a sorte da guerra e o seu desenlace. Sem um desfalecimento, a Armada Real, no meio de alternativas e vicissitudes diversas, acabou por eliminar, muito antes de haverem cessado as hostilidades, o perigo submarino dos mares de todo o mundo e, especialmente, das paragens do Atlântico. Os seus navios afundaram seiscentos submarinos alemães nas águas do Atlântico, livrando, assim, a humanidade de um dos mais trágicos pesadelos que atormentaram durante a guerra. A Armada Real britânica cumpriu, assim, pela segunda vez no curto prazo de vinte cinco anos, a sua missão tradicional de assegurar a liberdade dos mares contra os seus inimigos que eram, simultaneamente, os inimigos de todos os países que precisam viver das comunicações marítimas e do funcionamento eficaz dessas comunicações.

Evocando a acção da Armada Real, aproveitando a estadia entre nós da divisão naval britânica da qual faz parte o «Nelson», um dos veteranos e heróis dessa epopeia incomparável, é, ao mesmo tempo, recordar os nomes dos chefes gloriosos que a dirigiram durante seis anos de luta, Harwood e Tovey, Dudley Pound e Charles Little, Vian e Syfret, e acima de todos os vencedores da batalha do Mediterrâneo, Andrew Cunningham, que actualmente exerce as funções espinhosas de Primeiro Lord do Mar e ao mesmo tempo dos dois chefes políticos que estiveram à frente do Almirantado durante esse período incerto, Winston Churchill e A. V. Alexander, o último de novo nas funções que desempenhou no governo nacional, presidido pelo primeiro.



O inspector Cobbe escutou com atenção as declarações do gerente da Ravin Insurance Company: «Mathew fez um seguro de vida, da importância de dez mil libras, na nossa Companhia, no ano passado. Vivía em Marazion. Há dias, foi tomar um banho de mar e ninguém mais o viu. Às suas roupas foram encontradas na praia, além de umas pégadas na direcção do mar. Tem aqui uma fotografia. Diz a mulher dele que foi tirada na semana passada. Ela reclama o pagamento do seguro e estou convencido de que o consegue. No entanto, a Companhia quer ter a certeza de que não há mescambilha.



NO dia seguinte, em Marazion, o inspector ouviu Lorna Mathew: — «Estava a dar de comer às galinhas, quando a irmã Jane chegou. Vinha bastante preocupada com a prolongada ausência de Robert que já saíra havia bastante tempo. Saímos a correr e dirigimo-nos à praia. Encontrámos as roupas e a toalha. Dele, nem sombras.



TELEFONAMOS para a Polícia Marítima». Cobbe interrogou Jane cujas declarações em tudo coincidiram com as da irmã. Acrescentou, ainda, que Robert era um nadador regular, mas bastante dado a caimbras. O inspector procurou raciocinar. Olhou os objectos em redor e por fim descobriu uma pista. Havia crime.

COMO SE CHEGOU A ESSA CONCLUSÃO?

(Ver a solução na página 30)

Uma exposição de pintura de Delfim Vieira

O pintor Delfim Vieira expôs na Sociedade Nacional de Belas Artes, oremos que primeira vez, cerca de setenta quadros que, sem exagero, podem considerar-se notáveis sob vários aspectos. Este pintor cujos trabalhos acabamos de admirar pertence a uma geração de artistas que para honra sua são, pode dizer-se, os continuadores de Silva Porto. Não há nesta sugestão qualquer espécie de reflexo imitativo ou de cópia. Mas, sim, um culto por uma maneira de pintar de que muitos dos nossos paisagistas, se vão esquecendo. E é pena. Seguir os exemplos de beleza genialmente legados não é copiá-los. É prestar-lhes culto sem que, no entanto, o continuador deixe de ter personalidade própria. É este o caso de Delfim Vieira.

Reflete-se nas telas deste pintor um significado poético da Natureza. O artista não se deixou prender, e ainda bem, pela fascinação mais ou menos irritante de certas manchas berrantes de cor, muito de agrado das pessoas que confundem a interpretação das coisas simples e belas com a cenografia versicolor dos cartazes.

Delfim Vieira é um pintor-poeta. Há na sua pintura uma subtil compreensão dos ambientes e uma quase fluidez na imaterialidade das tintas.

O artista não pinta com a preocupação de assombrar pela visão superficial das cores. A sua arte é sentida, exacta e profunda tal a verdade que ela nos transmite através das gradações suavísimas das tintas.

Cremos que a Natureza só pode ser interpretada através de quem aprende e a sente. Já há muito alguém sentenciou que a Natureza é vista através de um temperamento. Por isso, ela nunca poderá ser cópia mas, sim, interpretação. Delfim Vieira atingiu nos seus quadros essa rara virtude artística, pondo neles a porção de espírito interpretativo que nem toda a gente, por falta de acessibilidade, se dá ao cuidado de compreender. O artista deu a todos os seus trabalhos uma expressão serena. Quer nos reproduza a difusão da luz diluicular quer nos dê longas poentinas, nos sugira a melancolia das horas últimas do dia, quer ponha brumas pairando sobre as águas adormecidas.

Delfim Vieira não é um pintor de uma só expressão. Dentro de sua maneira os temas de que trata diferem um pouco; nunca, porém, por diversidade pictórica, pois a sua arte é uniforme de processos. Contudo, esta uniformidade não quer dizer monotonia.

As suas manhas, os seus pontos, a placidez de certas águas, são pintados de modo que nos parece difícil de ultrapassar.

Não sabemos do êxito que este admirável artista obterá. Aliás, ex-tos materiais nem sempre se harmonizam com as superiores manifestações do espírito criador. Seja, porém, como for, este artista português merece que a sua arte seja compreendida e admirada como é de justiça.

Em muitos casos, pretensa indiferença a fingir superioridade, pode também trazer mesquinhez ou incompreensão da arte.

ONTEM E HOJE

DOR AUGUSTO RICARDO

PREVISÕES

NUNCA neste lugar sabemos, sequer, simples comentário acerca do que se passa no mundo dos grandes segredos da guerra, da acção da diplomacia, ou de entendimentos amistosos, ou não, entre políticos.

Decerto, temos como aliás, toda a gente, opinião sobre essas coisas. No entanto, sempre achamos por bem não a divulgar pela escrita nem tempouco pela palavra. Não por debilidade moral, mas porque tal missão compete e exorbita as competências. Outro recelo ainda nos atemoriza: o de errar; que é o parece ser sistema reincente de quem está de posse de todos os segredos políticos, económicos e sociais que a todo o momento se vão manifestando por esse dilacerado mundo.

Todavia, para tudo há especialistas e especializados. Nós, porém, não somos muito tentados a falíveis profecias. Contudo reconhecemos a outrem o direito que não reclamamos para nós.

Diz'iam os nossos antecessores que as pessoas falando é que se entendem. Nesses recuados tempos o conceito representava uma verdade. No entanto hoje, quer-nos parecer, o muito discursar não é uma forma de os homens se entenderem, mas, sim, maneira de desacordo.

Isso dá-se nos domínios de diplomacia, das artes da política e da sociologia. E quando, em substituição de discursos surgem ponderadas opiniões sentenciadas por técnicos infalíveis, então o caso toma aspectos estratagemáticos. Fazem lembrar certos previsões meteorológicas: quando anunciam para o dia seguinte sol é inevitável que nesse mesmo diachoverá a potes.

AJUIZADOS...

É costume atribuir-se aos filósofos epítetos nem sempre elogiosos. Esses são esforçados esmoadores têm sido vítimas de todas as troças. O menos de que são alcunhados é de malucos. Mas esclarecendo bem as coisas não são os filósofos os indivíduos que mais têm contribuído para a demência universal.

Bem sabemos, ou supomos saber, que eles vivem entre sombras e abstrações. Entretanto, uma ou outra vez mostram sintomas de admirável bom senso.

Parecem-nos, pois, injustas todas as culpas que lançam sobre os desenhados filósofos.

Outras pessoas, consideradas superiores, não são mais sensatas de que os construtores de filosofias. Por exemplo: os poetas. Estes, porém, ainda não são dos menos assisados.

No estudo «A loucura e o génio», do médico e professor Júlio Artur Lopes Cardoso, publicado há mais de trinta anos, já se revelava que entre cento e sete indivíduos de tendências artísticas com esgimas psicopáticos, a maioria se dedicava à pintura. Em segundo lugar ficavam os poetas que são, na opinião popular, pessoas sem qualquer espécie de juízo. Os músicos, que dão forma a concepção abstrata da harmonia e dos sons, ficam em último lugar. Quer dizer, pessoas que são consideradas as mais irrealis deste mundo, são afinal as que possuem respeitável espírito tranquilamente burguês.

Este facto não é muito convincente. Mas, dada a categoria de quem o afirma e em face da linguagem fria e destrutiva da estatística, não há que por em dúvida o acerto.

A autorizada opinião de várias doudas personalidades, embora seja de respeitar, parece que não abalou a timosia de féis julgadores.

Os homens de génio, tentam esclarecer a ciência, estão mais próximos da loucura do que da inteligência vulgar. Isto afirma a verdade da há muito conhecida frase demonstrativa. Nos domínios do estudo e da observação científica, parece que assim é.

O pior é que o vulgo só raríssimas vezes abandona as velhas opiniões que herdou; por isso, para ele, digam lá e que disserem, um músico, um pintor, um poeta ou um filósofo hão de ser sempre pessoas sem juízo, embora quem assim pense seja destituído de inteligência.

O BOM HUMOR NO C. E. P.

pelo major sr. Mário Afonso de Carvalho

POR indicação inserida na capa, verifica-se que o livro «O bom humor no C. E. P.» de major sr. Mário Afonso de Carvalho mereceu segunda edição correcta e aumentada.

Já neste lugar tivemos ocasião de, acerca da referida obra, dizer das suas qualidades. Contudo, como entre nós não são muito vulgares segundas edições de obras recentes, e esta circunstância traduzir um triunfo literário, nada nos custa assinalar tal caso antes o fazemos com agrado e afirmando o que a quando da primeira edição, havíamos escrito. O que, se bem nos recorda, foi mais ou menos isto: o livro do sr. Mário Afonso de Carvalho é gracioso, reflete um aspecto sadio da nossa despreocupada graça e contém algumas coisas sérias, embora disfarçadas sob ténue veu de despretenhoso espírito.

Não será, no entanto, a sua completa reedição. Até porque tal circunstância seria desnecessária. Visto que a prova indisputável de agrado de «O bom humor no C. E. P.» está na sua actual edição.

E é sempre mais convincente a reedição de uma obra do que a repetição de um juízo a seu respeito — por mais elogioso que este seja.



O pintor Delfim Vieira, junto de alguns dos seus trabalhos expostos na S. N. B. A.

UMA ESCRITORA INGLESA

(Continuação da página 15)

eles, homens. E rende em seguida homenagem ao sentido de justiça da mulher, à independência do seu espírito, tanto em questões morais, como sociais, em que ela defende sempre ardorosamente o direito. «O que a mulher quer, quer Deus».

A escritora ilustre que escutamops impôs se rapidamente nas letras e em cada país onde tem estado desde que apareceu o seu «Peking Picnic», lhe tem sido pedido, oficialmente, para escrever um livro sobre ele.

Só depois de ter deixado qualquer país, conta-nos, é que se decide a passar para o papel as suas impressões e nunca antes de um ano. A explicação que dá para esse facto é interessante:

— Por essa altura já os pormenores de menos importância se desvaneceram; ao passo que se consolidaram as impressões verdadeiramente significativas.

Começou por fazer versos. E foi num concurso, em que ela saiu vitoriosa, que se fez justiça ao seu valor poético. Mimoseada com o prémio «Atlantic Monthly Prize», na América, no valor de 10 mil dólares, já não é pouco para aquilatar do apreço em que são tidas as suas obras.

Há pormenores na conversa que lhe ouvimos, curiosos:

— Não sou um espírito moderno, e os meus livros tanto poderiam ter sido escritos agora, como noutra época.

E relata, com graça:

— Prefiro executar qualquer trabalho manual de maneira primitiva. Certas facilidades que a máquina hoje nos proporciona não me interessam grandemente.

Com espírito de observação bastante penetrante diz:

— Para se conhecer devidamente uma nação há que tornarmos-nos familiares com a sua vida rural. A vida dos camponeses e do povo interessa tanto como a da sociedade e os intelectuais. E há também que conhecer a sua língua. Por isso estou já estudando o português.

«E do que pude apreciar de

Portugal, direi que as flores dos seus campos e a sua arquitectura são encantadoras. A sua população torna-se simpática, dando-nos uma impressão de amizade, felicidade e alegria, cativante.

Houve ainda uma pergunta que, para fechar, lhe fizemos.

— Agora, neste após guerra, tem a impressão de que a colaboração da mulher para uma paz eficiente se torna indispensável?

Lady O'Malley, diplomata, mas também Ann Bridge, sinicera e convicta, responde-nos:

— A paz depende da simpatia e esta da compreensão mútua. O papel da mulher é importante e oferece interesse. The allied women's group desenvolve, com o respeito e apreço de todos, intensa actividade pela paz. E há também que pensar em estabelecer convívio entre crianças de diferentes nacionalidades, para que se crie uma nova geração.

— Diga-nos, parece-lhe realmente que a mulher, hoje, está sendo tomada a sério, mesmo na política?

— Sim, em Inglaterra há bastante que o é. E outro exemplo interessante é o caso de Mrs. Roosevelt, cuja opinião se impõe e cuja popularidade atingiu tão alto grau.

Assim vimos mais uma das muitas e boas escritoras que Inglaterra nos tem dado, e cujos fulgores do espírito nos iam fazendo esquecer os ponteiros do relógio...

A Voz de Londres fala

(Continuação da página 21)

Normandia. Foi o primeiro posto emissor móvel enviado pela BBC para acompanhar um exército invasor. Era manobrado por 4 engenheiros da BBC — todos voluntários. Quando chegaram à Normandia, encontraram uma estação emissora já instalada por reporteres da BBC, e não faltou muito até que a primeiro transmissão experimental fosse pelo ar para a Inglaterra. Das antenas situadas no teto da

Laminas "NACET"



Nas lâminas Nacet, ao contrário do que sucede com muitas lâminas de preço reduzido, a qualidade é sempre uniforme — cada lâmina, de cada pacote, dar-lhe-á uma notável série de barbas perfeitas e fáceis — e ao mais baixo preço possível, para tanta eficiência.

**Cada pacote de 10 lâminas
6\$00 esc.**

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º — LISBOA

Broadcasting House veio em morse a resposta «Recepção satisfatória». Mensagens foram emitidas às 18 horas. E depois, às 21 horas, um grupo de engenheiros e repórteres escutavam estas mensagens registadas, emitidas de Londres

Estas primeiras mensagens eram lidas numa tenda, com a tela batendo ao vento. Mas, no dia seguinte, a equipa mudou-se para um estúdio interior — uma sala em abóbada com o chão de pedras gastas, no alto de uma torre de um castelo do século XI. Ai, estavam em pleno da batalha. Os vidros das janelas do estúdio tremiam com o ruído dos canhões. Aviões roncavam continuamente em cima. Até foi aprisionado um atirador alemão escondido no campo, onde estava instalado o emissor.

Dentro em pouco, o emissor trabalhava durante 18 horas por dia, transmitindo para o mundo inteiro. Desde a madrugada até passada a meia noite, uma precisão continua de locutores subia os degraus da torre. Eram rádio-locutores de todas as nacionalidades no sector do 21.º Grupo de Exércitos — da Grã-Bretanha, Domínios, América, França, Polónia, Noruega, Holanda — e falavam, por intermédio da BBC em Londres, para todos os cantos do globo. A medida que a frente de batalha ia avançando, o emissor seguia com ela. Agora, novos emissores, maiores e mais fortes, vão tomando o lugar dos de 250 watts que já quase não são suficientemente poderosos

para abranger acrescente distância a que Londres vai ficando.

O futuro da cerâmica

(Continuação da página 13)

cente que se vai tomando pelo bem-estar dos operários. A Sociedade Nacional dos Oleiros fez recomendações importantes sobre reformas a introduzir. Sugere que as fabricas sejam modernizadas com auxílio do governo.

Para coordenar todos estes planos com vistas num futuro próspero, Sir Stafford Cripps, Ministro do Comércio, obteve o acordo da indústria cerâmica para nomear uma Comissão de trabalho composta de posta de representantes dos fabricantes e dos operários, juntamente com peritos independentes. A Comissão de Trabalho deverá rever as condições em que funciona toda a indústria e recomendar as medidas a tomar.

A fabricação de cerâmica alem de ser uma arte é uma ciência. Já se tomaram medidas para que o lado científico seja estudado com maior atenção na Escola Técnica de North Staffordshire. Uma Escola de Arte, centralizada, para o estudo de desenho e da decoração da cerâmica, será associada à Escola Técnica. No passado, a indústria britânica da cerâmica conseguiu êxitos notáveis trabalhando um pouco ao acaso. O seu futuro obedecerá a planos, será coordenado e desenvolvido de acordo com as ideias modernas de uma empresa industrial.

Use Pebeço — proteja a sua saúde dental com esta combinação de sais activos



PASTA DENTÍFRICA

PA. 373

O Real Regimento

(Continuação da página 7)

tem colhido loiros em todas as campanhas, quer grandes quer pequenas. Fez-se sentir a sua presença, muitas vezes de maneira decisiva, em todas as batalhas da guerra peninsular e, em Waterloo, estabeleceu grande confusão na Guarda Imperial de Napoleão.

Nas Antilhas, na Crimeia, durante a revolta da Índia, no Egipto, na Africa do Sul, no Afanistão, na areia do deserto, nos lamaçais da Flandres, na neve, nas montanhas e nas planícies, os artilheiros têm vencido todos os obstáculos para apoiar os seus camaradas das outras armas.

A grande guerra de 1914 deu lugar a muitos feitos célebres do Real Regimento de Artilharia. Logo no principio da guerra o combate épico em Nery entusiasmou o mundo inteiro.

A segunda guerra mundial fez com que o Real Regimento de Artilharia se expandisse imenso com a criação de novos ramos tais como secções anti-tanques, anti-aéreas, de holofotes e marítimas.

A barragem colossal estabelecida contra os alemães na batalha de El Alamein garantiu o êxito ao marechal de Campo Montgomery e deu ao seu 8.º Exército, agora de fama mundial, uma bela partida na sua carreira sempre vitoriosa.

O combate magnífico da bateria n.º 155 de artilharia de campanha na Tunísia é outro episódio heroico que ficará imorredouro.

A vida dos regimentos marítimos foi uma de risco continuo e a contribuição das secções de holofotes para a derrota dos enxames de bombardeiros inimigos que atacaram a Inglaterra nunca será esquecida.

Na Sicilia, na Itália, na França, na Bélgica, na Holanda, na Alemanha, no Iraque, na Persia, na Birmania e na Malaia os feitos brilhantes da artilharia têm-se acumulado e todos eles estão sintetizados nas suas divisões. É realmente um grande regimento — «Ubique, Quo Fas et Gloria Ducunt».

Quereis ganhar
dinheiro?

ANUNCIAI NO
MUNDO
GRÁFICO

Remington

A mais antiga e cada vez mais categorizada máquina de escrever

Remington

A única máquina de calcular que imprime todos os factores e resultados das 4 operações

Remington

O mod. «285» de máquina de contabilidade, totalmente electrificada, apresenta o saldo automático.

Remington

As novas máquinas de estatística, sistema Powers, aparecerão brevemente em Portugal

KARDEX (Sistemas de organização)

Outra produção da Remington que caminha sempre na vanguarda

ACESSÓRIOS

De todos estes produtos, também de fabrico Remington, da mais alta qualidade

Grandes oficinas de reparações para máquinas de escrever, somar, calcular, contabilidade, duplicadores, etc., de todas as marcas

S O L O R

Sociedade Lusitana de Organizações, Lda.

LISBOA

R. da Misericórdia, 20, 1.º

Telefones 2 9831 e 2 9382

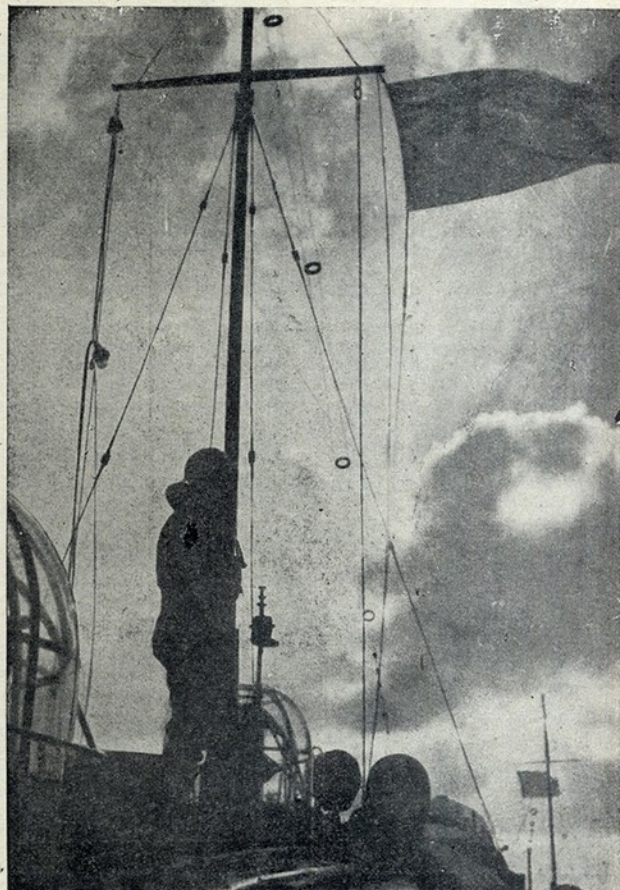
PORTO

R. Sa da Bandeira, 69, 2.º

Telefone 1276

AGENTES GERAIS DA REMINGTON RAND INC. DE NEW YORK
PARA PORTUGAL

Nos mares do Ártico



A bandeira inglesa nos mares do norte

CHÃO DE AREIA

*Não tenhas pena, amor. Julgas decerto
que da tristeza que em meus olhos trago
do grito amargo que em meu peito esmago
quizera o coração ver-se liberto...*

*Eu vi a Vida. Tal como o deserto
é chão de areia movediço e vago
onde o oásis prometendo um lago
nos desnorteiam para rumo incerto...*

*Não tenhas pena, amor, não tenhas pena...
Quero saber-te de alma bem serena,
quero sentir, bem firme, a tua mão.*

*Sei lá, meu bem, se tão cruel tormenta
será o que me ampara e acalenta,
facho de Luz em tanta Escuridão?*

De VIRGINIA NUNO VILAR

A LENDA DE SEMÍRAMIS

(Conclusão da página 3)

ergueu a estranha rainha a metrópole dos seus sonhos. Palácios, templos, cidadelas, muralhas circundantes; figuras colossais de deuses e animais; a ponte sobre o Eufrates que estabelecia a comunicação entre o Palácio Oriental (na margem esquerda) e o Palácio Ocidental (na margem direita); o templo piramidal de Belo ou torre de Babel que ainda chegou a fazer a surpresa de Heródoto e foi mais tarde derrubado por Xerxes — todas estas magnificências ficaram atestado, durante longos séculos, a visão o namental e guerreira da rainha do Oriente.

No entanto, o que acima de tudo a imortalizou, foram os *Jrds* no *Suspenso*, que ela cultivava nos altos terraços do Palácio Oriental e onde as espécies raras, exóticas e de porte grandioso, só podiam medrar à custa de despesas esgotantes do tesouro público. Não era sem razão que eles se incluíam nas *Sete Maravilhas do Mundo*; e assim passaram à memória dos vindouros associados ao nome ler dário da mulher que tão belamente os concebera.

Ta bem ela, para falar a verdade, era uma maravilha do mundo. Conta-se que estando uma vez nos seus arranjos matinais alguém veio dizer-lhe que tinha rebentado uma revolta trazendo o descontentamento do povo. Tanto bastou para que deixasse bruscamente o espelho em que se mirava,

as essências vegetais, o pente de alabastro e a escova de puro pórfiro e aparecesse, semi-nua e com os cabelos esparsos diante da plebe amotinada. E a sua beleza possuía efeitos tão subjugantes que o tumulto apaziguou como por encanto. Já naquela época, as mulheres, como as espadas, concitavam grande respeito quando desnudas...

Pena foi que não fizesse decoirer a vida tranquila entre os muros invioláveis da sua querida Babilónia. Mas esta mulher para ser completa só lhe faltava ser infeliz — e o seu espírito aventureiro e heróico arrebatou-a no torvelinho das ambições insaciáveis.

Como todos os grandes conquistadores, que só sabem manter-se pelo preço de sucessivas vitórias e as julgam sempre possíveis, não pode resignar-se ao trazo amargo da derrota. O Indo, até onde estendeu os limites do infrene expansionismo marca o final da sua epopeia bélica e o começo da sua decadência. Ai, foi vencido; e, após quarenta e dois anos de domínio ininterrupto do maior império do velho mundo asiático, cedeu a coroa a seu filho Ninias (ou Nino II), morreu e foi transportada ao céu sob a forma de pomba, numa revoada de azas palpitantes. As pombas, que a tinham salvo da morte foram depois as que a libertaram da vida.

Tal a lenda da famosa Semíramis, à qual a Arte foi pedir alguns motivos de inspiração para as diversas modalidades em que se exprime — estátuas, quadros de pintura (Guido, Guercino, Carlone, Mengs, Lordon), gravuras (Gimignani, Laitresse, Preisler) trégédias em verso (Crébillon, Voltaire), dramas musicais (Gluck, Catel, Rossini) — e assim impôs à posteridade a glória impercível do seu trânsito na terra. Dela, que de «filha das pombas» e converteu no ídolo dos homens, ficou a magia de um nome que se diria de balada com as evocações fantásticas que desperta,

Sòmente da vetusta Babilónia, que teve os últimos lampejos do poderio

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

SUBITAMENTE o inspector reparou na data (fig. 1); lembrou-se que o gerente da Compahia lhe apresentara uma fotografia dizendo: *Diz a mulher dele que foi tirada na semana passada. Nessa fotografia apreciam tulipas, flor própria da primavera e que não se encontra em Julho. Por qualquer razão, pois, Lorna Mathew apresentara uma fotografia, antiga, dizendo ter sido tirada na semana passada. Esta razão, em pouco tempo, se descobriu. O suposto morto foi encontrado mais tarde, com um nome falso, residindo em Plymouth. O trio confessou então que decidira levantar o dinheiro, elaborado aquela plano que, se não fossem as tulipas e o olhos perpicazes do inspector, poderia ter sido feito.*

com o soberano Nabucodonosor, nada mais resta que um vasto campo de terras incultas e sáfaras, com vestígios quase irreconhecíveis de aquedutos e canais. Apenas um vértice de um monte proeminente subsiste, como por milagre, uma árvore multi-secular, a que os nativos chamam *stleth* (*amarix orientalis*), e que tem parecido a alguns viajantes devaneadores o derradeiro representante dos *Jrdins Susyenos* — que a rainha Semíramis procurou aproximar do céu, talvez no pressentimento de que um dia ascenderia a ele e lá pudesse continuar ainda a gozar a fragância aromal das suas flores eleitas.

Seja prático e económico

viage na



Informações:

em todas as estações da C. P. em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4051 no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

ANUNCIAI NO MUNDO GRÁFICO

O REFUGIADO

(Conclusão da página 4)

nato de Santa Isabel, em Albarraque padre Luz, velhinho santo, reza missa de acção de graças, na pequenina capela. Assistem, além das professoras, todos os internados. Lá estão o Joca e o Tonecas, rapazinhas da rua, anjos salvos da encruzilhada pela generosidade de padre Luz. A Bina foi para o internato de meninas. O bom sacerdote cumpriu a promessa feita à triste da costureira. Na frente, próximo do altar, encontrava-se também o Vilela, director. Mais adiante, ainda, entre a mãe, chegada no dia anterior de avião, e a enfermeira, está Ferdinand, de joelhos, agradecendo a Deus a salvação da sua vida. A cantora reza fervorosamente e tem um leve sorriso de comovida felicidade no rosto c'aro. Maria Augusta, por seu turno reza comovidamente e tem os olhos rasos de lágrimas que dizem gratidão ao céu.

A ESCOLA

(Continuação da página 2)

a criação de gado, graças ao sistema misto de cultura.

De mãos dadas com o ensino da agricultura, nos territórios do Norte, vai o das artes e ofícios rurais. Tanto no colégio como na escola, os alunos aprendem como estas artes e ofícios podem ser aperfeiçoados e desenvolvidos nas aldeias, para onde voltarão depois dos estudos.

PARA UMA REFEIÇÃO SABOROSA!



Desapareceram as dores

Não deixe que lhe estrague todas as refeições a sensação do fogo no estômago, flatulência ou dispepsia. Tome uma colher de chá de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos. Não tem igual para combater o excesso de acidez — frequentemente a causa de ardores, flatulência e outras formas de indigestão.

DIGESTÃO ASSEGURADA

MAGNÉSIA BISURADA

À venda em todas as farmácias em pó ou comprimidos, a 15 \$00 e 23 \$00



Charlice

PARFUMEUR

PARIS

CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, LDA. ESCRITÓRIOS E DEPOSITO — RUA RODRIGUES SAMPAIO, 59 — LISBOA — TELEFONE 40880 AGÊNCIA NO PORTO — RUA ENTREPREDES, 16.2



As gêmeas Munks, Nancy e Molly, que colaboram em diversos programas da B. B. C.



O pequeno John Clark, que representa o papel principal numa série de programas sobre o conhecido livro inglês «William»



Petula Clak, ao colo de seu pai, o cap. L. N. Clark

Jean Sanderson, cornetista de 15 anos, apenas

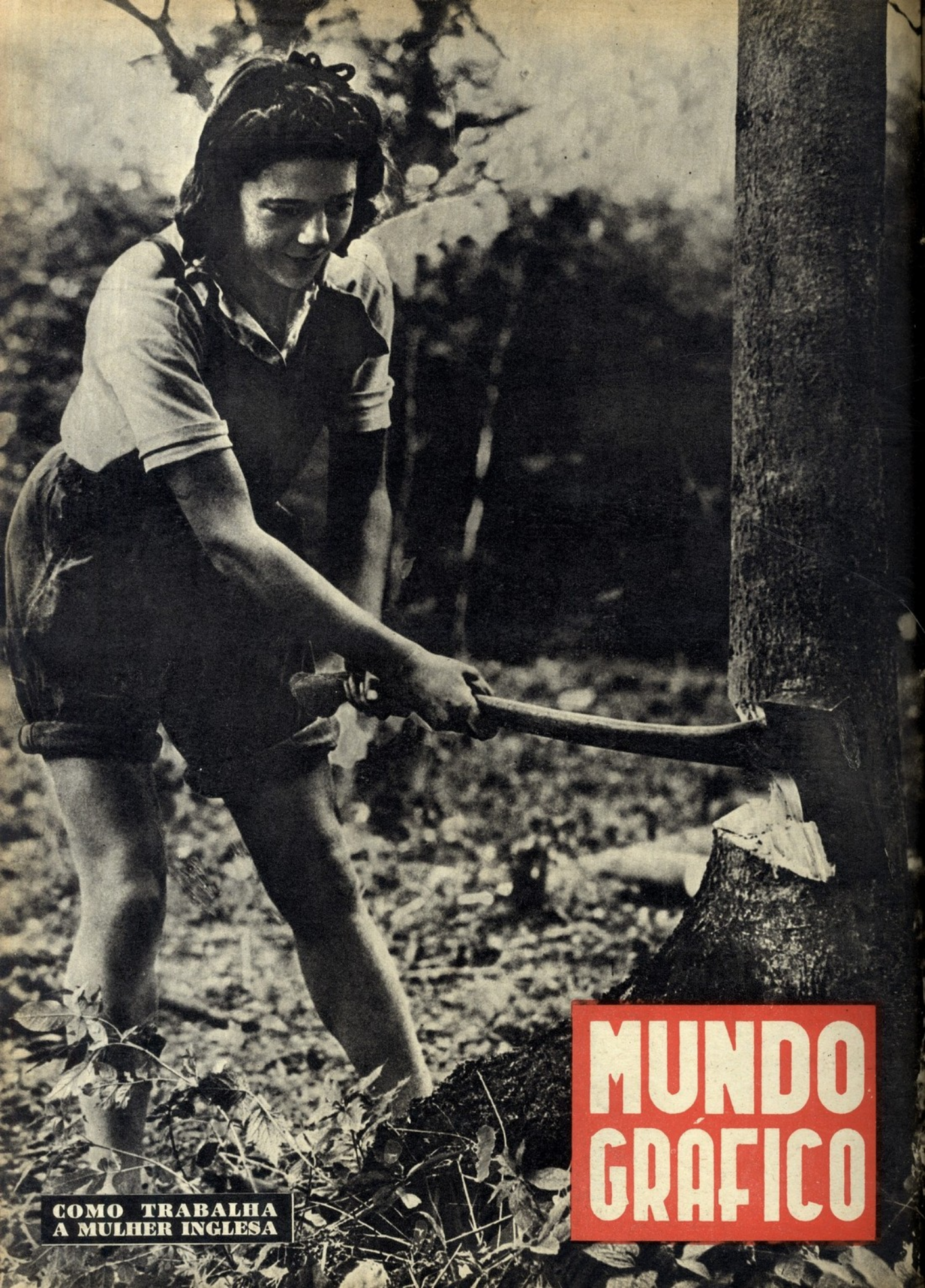
A B. B. C. FALA E O MUNDO ACREDITA

Jovens artistas da B. B. C., que muito prometem para o futuro



Petula Clark, uma jovem declamadora de 10 anos





**COMO TRABALHA
A MULHER INGLESA**

**MUNDO
GRAFICO**